



# ◆ Grande Hotel da Batalha ◆

**Completamente renovado**

**MANUEL FERRAZ & C.A., L. DA**

□ Magnificas instalações □

Serviço de mesa primoroso

EXPLÉNDIDA SALA DE JANTAR

Higiene e conforto

**P. DA BATALHA = PORTO**

**TELEFONE, 247**

**MANUEL JOAQUIM BARBOSA**  
PAPEIS, ARTIGOS GRAFICOS, COMISSÕES E CONTA PRÓPRIA  
Telefone 5039  
Rua da Picaria, 37 — PORTO

Visite V. Ex.º o  
**Hotel Restaurant Pinto Bessa**  
Rua da Estação, 56-PORTO-Telex. 4524  
Instalações modernas—Quartos com todo o conforto e higiene—Quarto de banho em todos os andares—Permanente serviço de restaurant—Preços modicos—Vista-lo e prefer-lo.  
Proprietario — **LUIZ CORREIA**

**CAFÉ CONCERTO PRIMAVERA**  
Travessa da Picaria, 28  
O maior Salão Dancing do Porto  
□ □  
**TODAS AS NOITES NOVAS VA-RIEDADES — «SOIRÉES»** □ □  
Serviço de Restaurant e Gabinetes  
— ABERTO TODA A NOITE

**CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES DE PREDIOS**  
Especialidades em pinturas  
**A. R. CARVALHO**  
Construtor civil diplomado  
Rua da Picaria, 8 — PORTO

**VICTORIA CAFÉ**  
Praça Guilherme Gomes Fernandes, 66  
BAR  
Galeria de Paris, 109 — PORTO  
□  
O mais confortavel mais completo □ mais higienico □  
Grande estilo de todas as noites  
□  
Fados pela cantat:iz Lester Pinho—Explicndios sal'nes de Jogos, Bilhares e Ping-Pong—Pequenos almoços, Lanches—Comentos todos os dias — das 21 horas em diante

**NICOLAU FERRAZ**  
Espanha, França, Brasil e América do Norte  
**PASSAPORTES**  
Agente no Norte da **United States Lines**  
TELEFONE, 762  
Rua do Loureiro, 60, 62 PORTO

É caro? É! Mas no **ESCONDIDINHO** come-se, porque o **ESCONDIDINHO** é quem melhor serve.  
□ □  
A sua cozinha, os seus «ménus», os seus serviços, os seus talheres, os seus vinhos são celebres e não têm rival.  
□ □  
Rua Passos Manuel — PORTO

V. Ex.ª Deseja comprar barato? Elegante? Na ultima moda? EXPERIMENTE E VERÁ!!!  
□ □

**SAPATARIA LAGES**  
R. Santo Ildefonso, 20-PORTO

**MAQUINAS FOTOGRAFICAS DANIEL AUGUSTO BENTO**  
A pagamentos semanais de 10500, com sorteio pela lotaria de Lisboa

**FOTO-ESTRELA POLAR**  
57 — Rua de Santa Catarina — 54  
Telefone: 2158 PORTO

**SABÃO CASTELO**  
O melhor produto para tirar nodosas  
Preço 1500  
Á venda em todas as drograrias

**COELHO DA COSTA**  
AGENTE OFICIAL  
□ □  
Trata de todos os documentos e tira passaportes para o Brasil, França, etc., e vende passagens em todas as classes, tanto para embarcar em Leixões como em Lisboa.  
□ □  
Escrever ou falar para a "RUA OÁ, 129-132 — PORTO"  
TELEFONES (Agencia 1412 Residência, 2167)

**Mendonça, L. da**  
**COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES**

**COLOCAÇÃO DE CAPITAL EM 1.ª HIPOTECAS**

**Rossio, 74-1.º**

**“GARANTIA”**  
COMPANHIA DE SEGUROS (FUNDADA EM 1893)  
Capital Integralizado Esc. 1.000.000\$000  
Reservas em 31 de Dezembro de 1927 Esc. 661.136\$83  
SEDE  
Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lusa pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matemática e está á uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a actualidade á seu passado.  
Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO (SEDE)  
DELEGAÇÃO CENTRAL  
Praça da Liberdade, 13 e 14, Casa Bancaria Soares, Cruz & C., Lda  
**DELEGAÇÃO EM LISBOA**  
Rua de S. Julião, 63 e 71 (SEDE DO PROPRIETARIO)

**Peles**  
Casacos, echarpes e roupas nacionais e estrangeiras. Pelaria de todas as qualidades e das melhores procedências.  
Peles avulsas para guarnições.  
Curté, tingé, limpa, transforma e confecciona todas as peles.  
**M. ANÃO, LIMITADA**  
R. DOS RETROZEIROS, 58  
R. DOS FANQUEIROS, 376, 2.º

**AGENCIA “A PORTUENSE”**  
(DAS MAIS ANTIGAS DE PORTUGAL)  
□ □  
**Passagens e Passaportes**  
— Honestidade e competência —  
Fornecemos todos os esclarecimentos por correspondencia, a quem os pedir  
□ □  
TELEFONE 123  
□ □  
do Corpo da Guarda, 15 PORTO

**VISITE** o CLUB RITZ — R. Fernandes  
□ □  
Explicndos A CAR...  
mais ávidos cantores do — PORTO e LISBOA —

**MODICIDADE DE PREÇOS**  
Antes de comprar uma maquina de escrever portátil ou para escritorio, sirva-se V. Ex.ª pedir oferta da **UNDERWOOD**  
ao agente: **CARLOS DUNN** — R. Sá da Bandeira, 62  
Telefone: 1013 — PORTO

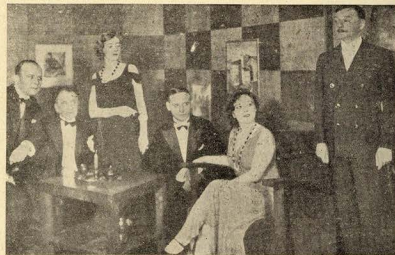
**Escudos 3\$00**  
**20 SEMANAS**  
Os melhores e mais chics chapéus a prestações e com bonus  
Inscriva-se já para esta semana por apresentação ou conhecimento  
terá um bom chapéu no acto da inscrição  
**Chapelaria Portela**  
Telefone 1776  
Praça dos Poveiros, 80 PORTO



O ASSALTO AO TEATRO PORTUGUÊS

## O «Reposteiro Verde» de Julio Dantas adaptado (?)... ao alemão

**A**INDA há pouco tempo tratámos da «exportação» do nosso teatro. Longe de nós a hipótese de tão cedo voltarmos ao assunto — e de que maneira... Estávamos precisamente ameahando num dossier vários «rádios» referentes à matéria — quando um amigo nosso de Berlim nos obriga a precipitar as revelações que guardávamos para mais tarde. Esse dossier estava etiquetado com o seguinte rótulo: «Portugal importado ou escamoteado pelo teatro estrangeiro» — e o seu conteúdo era já volumoso. Citaremos, ao acaso, alguns



Uma scena da ilegal adaptação do «Reposteiro Verde» em alemão

«specimens» — além do roubo descaradíssimo à nossa música popular feito por um pseudo-comediografo polaco conhecido pelo «sobriquet» de «Rei do teatro alegre de Varsovia», sobre quem a nossa ilustre colega da imprensa «A Ilustração» publicou, há poucos números, um detalhado artigo. Entre esses «specimens» da... escamoteação dos industriais de teatro destaca-se a opereta «The tzigian and the toreador», plágio descaradíssimo da «Severa» musicada que dois comediografos espanhóis adaptaram legalmente do célebre drama de Julio Dantas e que causou enorme êxito em Madrid. «The tzigian and the toreador», que é da autoria de um homem de teatro norte-americano com responsabilidades — Jan Baker — foi representada, como «original», num teatro de Broadway.

A outra adaptação... ilegal de que estamos informados refere-se à comédia de Ramada Curto, «Caso do Dia», que o nosso amigo Bento Machado, há muito residente na Itália, me garante que viu em Turim, representada pela Companhia Emma Falconi. A entretenida espanhola, que Amelia Rey Colaço genialmente criou e que é interpretada na adaptação (?) italiana por Emma Falconi, passou a ser uma cocotte francesa. Temos ainda uma «imitação» mais ligeira e conscienciosa da «Morgadinha de Valflôr», também actualizada e adaptada ao ambiente russo com o título de «Nova aristocracia» — obtendo um retativo sucesso em Budapest.

Mas de todas as denúncias recebidas a mais grave é precisamente a última — a que nos obriga a precipitar a publicação deste «dossier». Transcrevemos a carta recebida: «Ontem à noite fui com uns amigos meus ao teatro vêr a famosa e formosa Fraullein Asta Weber, que há muito não trabalha em Berlim. A peça chamava-se «Wanderer» («O Viajante»). Qual não foi a minha surpresa ao assistir a uma cópia fiel do «Reposteiro Verde» do nosso Julio Dantas. Só o final foi modificando. Ainda folheei o programa na esperança de encontrar a palavra «tradução». Isso sim... «Original de Wilman Fryland». Junto remeto a «foto» de uma scena, recortada do programa. É uma scena do primeiro acto, quando o «Wanderer», o «sublime canalha», — que em português era interpretado por Carlos Santos — entra no salão, depois de se ter dito o pior possível a seu respeito, provocando a máxima curiosidade das damas presentes...»

Nada mais nos diz o nosso correspondente; e nós, como comentário, diremos que apesar do nosso teatro ser dos mais pobres da Europa — nem mesmo assim escapa ao assalto dos... escamoteadores estrangeiros.

## QUAL FOI O MOMENTO MAIS EMOCIONANTE DA SUA VIDA?

O GRANDE ACTOR CHABY PINHEIRO DÁ UMA CURIOSA RESPOSTA AO NOSSO INQUÉRITO

O ilustre actor Chaby Pinheiro, o grande *diseur* que todo o mundo admira, espírito culto, *verve* scintilante, sugestionador de plateias, fazendo-as rir ou cho-



Chaby Pinheiro

rar ao capricho do seu fulgurante talento, respondeu ao inquérito do *Reporter X* com esta carta interessantíssima:

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Reinaldo Ferreira:

Perdôe-me o não ter respondido há mais tempo ao seu amavel cartão.

Faço-o agora começando por agradecer-lhe as amabilidades que o animam, e terminando por lhe declarar que me sinto embaraçado com a pergunta que encerra.

A minha resposta tem apenas o valor da sinceridade. Publique-a se entender que vale a pena. De contrário deite-a para os papéis inúteis, onde ficará muito bem. Ei-la:

O momento mais emocionante da minha vida?! Mas, meu amigo, eu tenho vivido uma existência calma, raras vezes perturbada por pequenas emoções que se equivalem em intensidade!

Não queria deixar de corresponder à sua gentileza e fiz um exame de consciência. Procurei entre os momentos mais intensos da minha carreira: Revi alguns triunfos, muitas amarguras, bastantes decepções, desagradáveis umas, outras agradáveis... O momento mais intenso da minha vida?! Ah! Sim, lembro-me: Um deslumbramento. Mas não lho posso contar.

Muito grato

Chaby Pinheiro

# O PERIGO AMARELO

## E O RECENSEAMENTO DA POPULAÇÃO ASIÁTICA

O perigo amarelo, que antes da guerra era o espectro sinistro que aterrorizava a Europa, ainda de quando em quando é agitado na imprensa como um espantalho ameaçador. Sabe-se que há milhões e milhões de asiáticos nessa Ásia misteriosa, que têm vivido alguns séculos como que adormecidos por um sono de ópio. Sabe-se também que a civilização ocidental, começando por contagiar os japoneses, os amarelos mais inteligentes e, por isso, mais perigosos do Extremo Oriente, começa agora a fazer despertar o Celeste Império, essa nação imensa, que foi berço de uma das mais belas e antigas civilizações do mundo.

A visão do poder e da acção formidável que esses milhões de seres, um dia despertados para todas as ambições, poderão exercer no mundo, apavora muita gente e leva os sábios às mais horríveis previsões. Só a China, agora dividida por uma guerra civil impiedosa, conta, segundo cálculos um pouco aéreos, mais de quatrocentos milhões de habitantes. Mas no Oriente os recenseamentos populares nunca foram fáceis. Assim, a China tanto pode ter 400 como 500 milhões de almas. Cem milhões de pessoas a mais ou a menos, que na Europa é coisa muito importante, na Ásia é um pormenor mínimo. O número certo de asiáticos que formam no Oriente só se sabe o da cidade de Xangai, devido à influência do governo internacional: é a quarta cidade do mundo, contando três milhões de habitantes — uma gota de água no oceano chinês. Deixou Paris e Chicago para trás e está muito perto de Nova York e Berlim.

Só agora no Japão, mais adaptado ao espírito ocidental, se começou a fazer o censo rigoroso da população, por meio de empregados e ajudantes voluntários. Neste ano inscreveram-se mais de duzentos e cinquenta mil empregados que, com um método superior ao europeu, iniciaram os seus trabalhos à meia noite do dia 30 de Setembro.

Por este processo têm feito curiosas descobertas de grande interesse social. As nossas fotografias mostram alguns ha-



Uma habitação fantástica que os empregados dificilmente descobriram

bitantes de Toquio que se escondiam debaixo dos arcos das pontes, em pipas e sob os beirais dos pagodes. Estes habitantes, ao contrário do que freqüentemente sucede na Eu-



Um estranho local de habitação para dormir

ropa, não fugiam dos empregados do recenseamento, apenas faziam desses esconderijos habitações permanentes. No bairro Asakura e noutros pontos de Toquio vêem-se à tarde centenas de milhares de pessoas sem lar que procuram abrigo nos troncos de árvores, sob as pontes e telhados de pag-

godes. São as vítimas da força magnética que os arrasta para as grandes cidades.

O Japão possui já a consciência da sua força. Para se encontrar melhor na posse dessa força procede agora a um rigoroso censo da sua população. Mas quando a China, o imenso formigueiro humano, alcançar um grau de mentalidade moderna tão elevado como o do império japonês, o perigo amarelo começará a ser uma ameaça de temer para o resto da humanidade.

Por enquanto, poderemos dormir descansados, limitando-nos a pôr de sobreaviso os nossos filhos e netos...

Eles terão de defrontar-se com os seus irmãos amarelos, a não ser que nesse futuro, mais ou menos longínquo, as ideias de fraternidade universal sejam uma radiosa realidade.



Em um parque de Toquio abrigam-se três japoneses em uma árvore

# REPORTER X

# O HOMEM QUE MORREU ENVENENADO

Filme falante = Drama cinematográfico inspirado na realidade = Como o leitor assiste, através deste jornal, a um espectáculo emocionante e barato = A vida parece-se tanto com a fantasia como esta com aquela = Os comentários do público e muitas coisas mais

DEPOIS de obscurecido o salão, feito o silêncio impregnado de ansiedades, surgiu no écran esta legenda sugestiva:

**O homem que morreu envenenado**  
Drama em 6 partes  
Sensational Film

Em seguida vários letreiros foram anunciando o nome dos actores e os papéis que desempenhavam. Decorrido o longo preâmbulo, surgiram no écran vários recortes de jornais com a secção necrológica grifada para que os espectadores se apercebessem que se tratava de uma morte, até que em letra de imprensa apareceu a noticia completa, com o retrato do falecido, noticia que rezava assim:

## NECROLOGIA

João Pinheiro Pires

Após prolongado sofrimento faleceu ontem, na sua residência, Avenida da República, n.º... o conhecido engenheiro da Companhia de Materiais Electricos de Lisboa, sr. João Pinheiro Pires, muito conhecido no nosso país pelos seus admiráveis dotes de inteligência e pelo seu trato amavel. Contava por cada pessoa que o conhecia um verdadeiro amigo.

Na Companhia de Materiais Electricos de Lisboa, desempenhava o espinhoso cargo de director técnico. A sua assombrosa actividade deve aquella empresa a sua grande prosperidade. Há pouco tempo ainda aquêle engenheiro illustre e os seus dois companheiros de direcção fecharam com a Rumenia um formidavel negocio, do qual receberam só de comissão a quantia de 1600 contos, cabendo seiscentos à parte do sr. João Pinheiro Pires.

Não pôde o illustre engenheiro gozar a fortuna que o seu labor ia acumulando honradamente. Uma doença pertinaz de origem ignorada obrigou-o a recolher ao leito e, para cúmulo de infelicidade, um engano de medicamentos, devido à distração do farmacêutico, provocou-lhe subitamente a morte.

Deixa o engenheiro Pinheiro Pires viuva inconsolavel a Senhora Dona Joana Pinheiro Pires, que durante a doença, acompanhada do medico assistente, sr. dr. Henrique de Menezes, nunca lhe desamparou a cabeceira.

O funeral realiza-se hoje, etc., etc.

Depois desta noticia, que os espectadores devoraram com os olhos, começou a desenrolar-se o romance.

### PRIMEIRA PARTE

Muito antes do acontecimento que os jornais anunciaram, o engenheiro João Pinheiro Pires

fôra avisado por várias pessoas amigas de que sua mulher o atraíra escandalosamente, cobrindo o seu nome de vergonhas e de opróbio. Pinheiro Pires adorava a esposa, e a sua infidelidade trouxe-lhe grandes desgostos. Não tinha coragem de se separar dela, recorrendo aos tribunais, que lhe dariam razão, visto que D. Joana não se limitava a ter um único amante, mas vários, um dêles que distribuía até prodigamente as suas caricias pela própria criada cúmplice dos adultérios.

A devassidão de D. Joana chegara ao cúmulo de ostentar perante o marido a sua imoralidade, confessando-a com mórbido orgulho e incitando o engenheiro a que se divorciasse. Este, um fraco, sofria, sofria, sem se atrever a tomar uma resolução enérgica. Os seus assomos de brío não fôram além da separação dentro do próprio lar, passando cada um dos conjuges a viver aparte, em aposentos opostos, como dois estranhos.

Era com sua irmã, viuva dum official falecido no Ultramar, que elle desabafava as suas máguas em longas cartas repassadas de tristeza. Em uma dessas epistolas, ao mesmo tempo que aludia à comissão de seiscentos contos proveniente do negocio na Rumenia, Pinheiro Pires escrevia:

«Esta mulher (a esposa adúltera), que até aqui me incitava ao divórcio para prosseguir mais livremente na sua senda vergonhosa, com amantes de todos os feitios, mudou agora de tática. Sabe que recebi os seiscentos contos — e já não quer divorciar-se, porque o divórcio deixá-la-ia quasi pobre. Agora tem mais interesse na minha morte. E, como não tem consciência nem escrúpulos, se puder praticar um crime impunemente, praticá-lo-á. Se eu vier um dia a falecer de morte invulgar, não tenhas dúvidas, minha querida irmã, foi Joana que me assassinou.»

A irmã, D. Laura Pinheiro Pires de Araújo, guardava ciosamente estas cartas. E, presa de uma angústia enorme, aguardava os acontecimentos.

### SEGUNDA PARTE

D. Joana Pinheiro Pires era de uma sensualidade insaciavel. Com a mesma facilidade com que se apaixonava até à loucura por um homem, o abandonava e aborrecia até ao tédio. O dr. Henrique de Menezes era agora o seu enlêvo, a sua paixão absorvente. Custodiada pela Gertrudes, a criada tão devassa como a patrão, que a acompanhava nas suas escandalosas visitas, Joana procurava todos os dias o dr. Henrique de Menezes. Este deixava-se enlevar no amor dela, um amor ardente, mais feio de todos os impulsos da carne do que de seducções de espirito. Presentia o médico que teriam um desfecho fatal aquêlas relações com D. Joana. Aquella mulher tornara-se para elle uma obsessão, à qual não podia resistir. Aquêle amor deixava-lhe um amargoso travo na alma, qualquer coisa como um vago remorso que lhe ensombria o espirito de angustia atroz. Mas ella tinha um tal poder sobre elle, uma tão estranha e irresistivel sedução que, apesar de a odiar pela razão, adivinhava que seria nas suas mãos um fantoche sem vontade, um instrumento para todos os crimes.

Uma tarde, depois de uma scena de amor, ao despedir-se do medico, num abraço mais lascivo do que termo, ao beijá-lo com os lábios em fogo, Joana murmurou:

— E' preciso que meu marido desapareça para sermos mais livres e felizes no nosso amor...

Henrique de Menezes quedou frio e paralisado ao ouvir aquella frase. Um terrôr intimo estrangu-

lava-o. E quando a amante já ia longe, arremessou-se para cima de um divan, as mãos na cabeça, puxando os cabelos com um desespero indescritivel e rugindo, vencido:

— Não lhe posso resistir...

Mas não fôra por amor, por louca paixão, que Joana lhe insinuara no animo a ideia do crime. Ella principiava já a aborrecer o amante. Fôra por cálculo material, por ansia de quedar viuva rica e livre, para viver a largos haustos uma existência de luxo e de vicio.

### TERCEIRA PARTE

Um dia o engenheiro João Pinheiro Pires não se levantou do leito. Estava gravemente enfermo. Afectando uma ternura que o marido nunca lhe



O doente bebeu de boa-fé aquella mixórdia

conhecera, Joana aconselhou-o a que se chamasse imediatamente o medico, e lembrou um nome: o dr. Henrique de Menezes.

Pinheiro Pires nem ao de leve suspeitava que o dr. Henrique de Menezes era o mais recente amante de sua mulher. Tinha-o por homem honrado, competente e amigo sincero em quem se podia depositar toda a confiança. Anuiu em que o chamassem.

Quando o medico chegou, Joana correu a recebê-lo e, no corredor, na presença da criada cúmplice, lançou-lhe ao pescoço os braços coleantes e macios de serpente e, em uma alegria louca, os olhos incendiados, devorou-o com beijos. O medico adivinhou algo de sinistro naquela alegria desmedida. Para furtar-se à situação embaraçosa, apressou-se a penetrar na alcova do doente, que o acolheu sorridente e confiante. Auscultou-o, observou-lhe os olhos, raiados de sangue.

— Então, doutor? — perguntou o engenheiro.

— Não há de ser nada — respondeu. — Estomago sujo.

Nêsse momento o seu olhar cruzou-se com o de

Joana e sentiu um arrepio. Que estranho fulgor havia naquêles olhos!

Deixou a alcova e, no corredor, a amante travou-lhe o braço e arrastou-o para os seus aposentos. Quando estavam sós, os seus olhares novamente se encontraram. Que sinistro dialogo se estabeleceu em alguns segundos entre aquêles olhos!

— Intoxicado, sim... Intoxicado por qualquer alcaloide vegetal... — ciciou o medico.

— Salva-se? — perguntou ella.

— Está perdido — respondeu Henrique de Menezes. — Pode, no entanto, durar muitos dias...

— Era preciso que acabasse depressa! — rugiu ella transfigurada pelo ódio — Podem descobrir tudo enquanto está vivo...

— Sim, é um perigo — disse elle, em voz cava, o olhar longinquo, como se sonhasse um mau sonho.

Mas ao medico faltava a energia para tomar uma decisão enérgica. Ella incitava-o, empregando toda a sedução do seu corpo, aquêle corpo de fogo que consumia toda a lucidez de espirito de Menezes. Passava os dias em casa dela, sob o pretexto de não abandonar o doente. Notava, hora a hora, o progresso dos estragos que o veneno la produzindo no engenheiro.

O olhar confiante que o enfermo lhe dirigia gelava-o de remorsos como se fôra elle quem o tivesse envenenado. Não fôra elle. Mas era cumplice no crime. Deixava-o morrer sem cuidados, evitando todas as tentativas de salvação, impedindo-o com a sua inércia pela estrada inclinada da morte.

Mas era preciso tomar uma resolução. Apesar de terem tido o cuidado de occultar o estado em que o engenheiro se encontrava, podia haver a má surpresa de uma visita, de um nada que arremessasse por terra aquêle castello de ignominia.

Uma manhã, Henrique chamou a Gertrudes, a criada cúmplice, e ordenou-lhe:

— Vai à farmácia comprar quarenta grammas de sulfato de soda.

— Não é preciso receita?

— Não — respondeu elle. — Dize que é para um purgante.

A tarde mandou a criada comprar idéntica dose de sulfato e no dia seguinte igual porção.

Revestindo-se de serenidade, penetrou seguido pela Gertrudes e pela amante no quarto do enfermo. Chegou mesmo a ensaiar um sorriso afável.

— Então, sente-se melhor?

— Cada vez pior, doutor — murmurou o doente.

— Vai tomar um laxante... — tornou o medico — para limpar esse estomago...

Foi a criada quem dissolveu em um copo todo o sulfato de soda que tinha ido comprar à farmácia. No meio de um silêncio pesado, supulcral, o doente bebeu de boa-fé a mixórdia que lhe vibraria o último golpe. Estavam todos os peitos oprimidos. Bebeu, bebeu tudo. De braços cruzados sobre o peito, o medico crispou as mãos e cerrou os dentes com força.

A partir daquêle instante era o pior dos assassinos.

### QUARTA PARTE

A tarde produziu-se um acontecimento inesperado. O sr. Manuel Viegas, comerciante, tio do engenheiro, quis visitá-lo.

— Está doente — informou a criada.

— Doente? E ninguém me avisou!... — disse surpreso o sr. Manuel Viegas.

**NECROLOGIA**

Falecimentos

Alvaro Abel Gouveia de Silva Mourão...

**Noticias**

Relação

Em sessão da Sociedade de Lisboa...

**DE VIAJAO**

em Lisboa

de Lisboa a...

Entre recortes de noticias necrológicas surgiu no «écran» o retrato do falecido

Era um intimo do engenheiro. A noticia da sua visita aterrorizava os dois amantes. Que fazer?

Enquanto pensavam na resolução a tomar, já o sr. Viegas ia penetrando na alcova do enfermo, que mal o conheceu e lhe falou com difficuldade.

— Está em um estado lastimoso! — exclamou o tio observando-lhe as pupilas dilatadas e injectadas de sangue. — Não te tratas?

Joana e Henrique de Menezes penetraram no quarto.

— Está, efectivamente, mal — murmurou o medico quasi ao ouvido de Viegas.

— E' preciso salvá-lo — disse este com energia.

— Estou tentando o impossível... — titubeou Henrique. — Lembrei-me de reunir uma conferência médica... logo à noite...

Manuel Viegas saiu apreensivo. No dia seguinte recebia a noticia de que seu sobrinho falecera.

### QUINTA PARTE

A questão complicava-se. D. Laura Pinheiro Pires de Araújo, irmã do falecido, possuidora de cartas tão comprometedoras para Joana, ao saber da morte do irmão, teve um acesso de cólera. Procurou Manuel Viegas e mostrou-lhe a correspondência que o irmão lhe dirigira nos momentos mais angustiosos da sua vida.

— Não tenha dúvidas, — afirmou o commerciante — há crime, um monstruoso crime, que não pôde ficar impune!

E foi dar conta das suas suspeitas ás autoridades. Poucos dias depois era ordenada a autópsia. E Joana, que no dia seguinte à morte do marido, cantara, gargantara motivos pornográficos de revista, ao saber do caminho que os acontecimentos levavam, sentiu-se aterrorizada. A autópsia iria descobrir tudo. Era necessário encontrar uma saída, uma porta de salvação...

O dr. Henrique de Menezes prometeu mudar a face aos acontecimentos. Era necessário salvar a sua própria honra tão comprometida naquêle tenebroso caso. Como?...

Meditou então um plano sinistro. Iria comprometer inocentes? Que importava? Era preciso salvar-se.

Uma manhã entrou na farmácia da vizinhança onde a criada comprara o sulfato de soda e pediu que lhe mostrassem o frasco que continha aquêle medicamento; depois que lhe mostrassem ainda o frasco que continha o clorato de potassa. Comparou os dois frascos e saiu, deixando o farmacêutico estupefacto pela sua estranha attitude. No dia seguinte o farmacêutico era preso, acusado de ter trocado o sulfato pelo cloroeto, dando assim origem à morte do engenheiro Pinheiro Pires.

Nêsse dia, nos braços um do outro, os dois amantes tentaram beijar-se ardentemente, comemorando a vitória. Estavam salvos! Mas os seus lábios já não possuíam o fogo de outrora. O espectro frio do assassinado erguia entre elles uma muralha de gelo.

Mas a imaginação mórbida de Joana Pinheiro Pires já fantasiara outras aventuras. Octavio Vergilio da Fonseca, filho de um colega de seu marido na Companhia de Materiais Electricos de Lisboa, com quem já flirtara várias vezes, absorvia agora todas as suas atenções de mulher sensual. Não levou muito tempo em conquistá-lo. E através de Octavio, escritor teatral, que tinha junto da grande imprensa uma consideravel influencia, conseguiu abafar o escândalo que principiava a levantar-se em torno da morte misteriosa de seu marido.

Mas os acontecimentos, apesar de muito contrariados pelas manobras daquela mulher preverosa, caminhavam inexoravelmente no sentido da verdade. Havia factos que destruíam a hipótese do envenenamento por engano de medicamentos. O resultado da autópsia — que já era conhecido particularmente — dera «vestígios de sulfato de sódio e intoxicação anterior por alcaloides vegetais». Era na sua eloquência simples e scientifica um tremendo libelo accusatório contra ella e o ex-amante. Por outro lado a criada confessara, ao ser interrogada pela policia, que dissolvera o sulfato facilmente. Portanto, não podia ter havido troca de sulfato por cloroeto, porque o cloroeto não se dissolveria em água fria.

Estas contradições começavam a atormentar a criminosa. Mas a ameaça que mais a aterrorizava — era a da cunhada, que estava disposta a fazer

(Conclui na pag. 14)

# UM DRAMA PORTUGUÊS EM PARIS



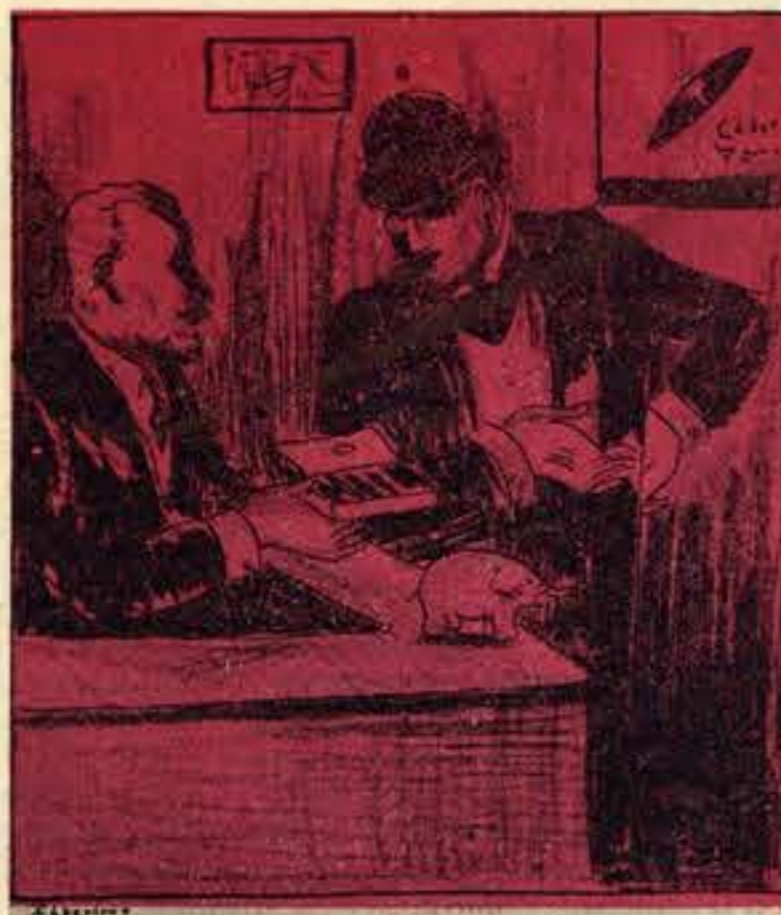
José Bernardo de Albuquerque

Quem era José Bernardo de Albuquerque = O tabaqueiro dos parlamentares = O patriota romântico = A guerra = José Bernardo em Paris = O equívoco de M.<sup>lle</sup> Z, espia = A cilada = A fuga para o Hotel du Papillon = A tragédia do quarto n.º 1

Avenida das Côrtes e, apesar do modernismo do seu aspecto, uma tabuleta interior datava a fundação em 1873.

Sim. Era muito velho o estabelecimento. Começou por uma capelista na rua de S. Bento. A mãe do José Bernardo, viúva dum funcionário público do estilo dos «funcionários» de Eça de Queiroz, quisera educar o filho; e como era mulher enérgica e de iniciativa estabelecera-se. José Bernardo perdera a mãe quando estudava ainda e viu-se obrigado a abandonar o colégio para pilotar o negócio. E tão hábil e tão sério soube ser — que, pouco depois, a loja conhecia prosperidades inéditas. Ainda na rua de S. Bento, transformara-a em tabacaria — orgulhando-se de arrebatar a clientela do Parlamento, que a preferia a outra qualquer pelas vantagens de vizinhança. Os solenes deputados do tempo da monarquia faziam parar as suas carruagens à porta de José Bernardo para comprarem os seus charutos, não menos solenes... Republicano desde os bancos da escola — o dono da tabacaria calara a sua paixão política, paradoxalmente vaidoso de fornecer o tabaco para os mais fanáticos defensores do regime odiado. Quando veio a República — José Bernardo, como que para marcar ruidosamente a nova *étape* da história do seu país — mudou-se para a antiga Avenida das Côrtes, não se poupando a gastos e basofinando que o seu estabelecimento fazia inveja à própria Havana. E os novos deputados, os republicanos das duas câmaras, assim como os reportes parlamentares, substituíram a sua antiga clientela, comprando a José Bernardo desde os havanos até às onças de francês.

A convivência que sempre tivera com políticos; a sua razoável cultura inicial; o seu amor pelos livros e pelos jornais davam ao tabaqueiro um verniz de pessoa ilustre. E tanto assim que, fechando a loja, depois de uma rápida estadia no seu *appartement* de solteiro no 1.º andar, saía à rua trajando e aparentando muito melhor que certos parlamentares seus fregueses. Era infalível nas *premières*; frequentava tertúlias de certo tom; e ele, José Bernardo, humilde de condição,



A convivência com os deputados do vizinho Parlamento...

bondoso, trabalhador, honesto, sentia-se feliz com a sorte que Deus lhe tinha dado... Nisto veio a guerra...

## A ESCAMOTEIÇÃO DE JOSÉ BERNARDO DE ALBUQUERQUE

A guerra apaixonou-o. Era republicano — e era francófilo. Amava a Pátria, a República — e Victor Hugo! Vivía num contínuo alvoroço. Comprava todos os jornais que apareciam — portugueses e estrangeiros. Discutia com todos os clientes. Tinha um mapa, bandeirinhas desfraldadas em alfinetes, compêndios de geografia... Joffre não se preocuparia mais do que ele com a vitória da França. Quantas vezes, apeando-me do eléctrico (ou ainda do «elevador») para ir à minha faina de bisbilhoteiro dos Passos Perdidos, perdia o dóbro do tempo do que pensara gastar, comprando uma «onça» ou uma caixa de fósforos, porque o bom do José Bernardo discutia comigo a verosimilhança ou a inverosimilhança duma ofensiva ou duma defensiva alemã!

Passam-se dois anos. Portugal entra na guerra. O nosso homem estoura de orgulho patriótico. Uma tarde encontro-o afogueado, num nervosismo jovem, febril quasi. Desabafou comigo como podia ter desabafado com outro qualquer.

— Sabe? — disse-me. — Dêse muito novo que o meu maior sonho é ir a França. Há muitos anos, graças a Deus, (José Bernardo era dos descrentes que estavam sempre a evocar o Criador) que podia ter empreendido essa viagem. Trabalho há mais de trinta anos, não tenho esbanjado dinheiro, sou solteiro, sem família nem filhos — e tudo quanto me sobra, amealho no Banco. Mas, não sei porquê, estava-me guardando para essa grande ocasião. Creio que essa ocasião chegou. Vou *começar a ir a França* — a Paris sobretudo... E digo vou começar porque, tencionando partir brevemente, tenciono repetir esse passeio amiudadamente. Eu, que não conheci o Paris das festas e da alegria, quero conhecer o Paris mártir e heroico... E' mais nobre assim!

José Bernardo de Albuquerque, romântico nato, estava convencido de que Paris havia de agradecer-lhe, comovidamente, a sua boa intenção.

— E quando parte? — indaguei.  
— Estou fazendo as malas. E' questão de oito dias! Uma visita ministerial ao Algarve afastou-me de Lisboa durante uma semana; e quando esta findou e eu retomei a minha acção parlamentar, encontrei José Bernardo substituído por um caixa.

— O seu patrão?  
— Foi para Paris. Escreveu... Escreve todos os dias! Está contentíssimo...

Dois ou três meses rodaram ainda pela imensidade do tempo. Um belo dia, ao apagar-me do eléctrico, frente à antiga Avenida das Côrtes, notei que a tabacaria estava quasi fechada. Admirei-me... Ao aproximar-me vi uma folha de papel tarjada de negro e uma cruz. Entrei pela estreita frincha que restava na porta. O caixa vestia de luto.

— Quem morreu?  
— Foi o patrão... Mas foi já há dias. Só hoje é que o comunicaram a um sobrinho — único parente que lhe resta.

Filosofoei mentalmente qualquer coisa que não me recorda já: que José Bernardo fora um tólo em aguardar para tão tarde a recompensa espiritual

do seu trabalho e a satisfação dos seus sonhos — ou algo semelhante. Depois... Depois fui-me esquecendo desse episódio e desse personagem — até o perder por completo nas profundidades do meu espírito. Só agora é que...

Um português que, após vinte anos de residência em Paris, só agora veio fazer uma visita à Pátria — o sr. Carlos Moreira Sá, antigo secretário do célebre Citroën e hoje negociante de automóveis, teve a gentileza de se recordar da nossa antiga camaradagem em França, convidando-me a jantar com ele no Hotel de Inglaterra, onde esteve hospedado. Falou-se do livro de João Chagas — e por uma associação de ideias caímos na visão do Paris da Guerra.

— Quantos dramas, quantas tragédias vividas durante esse período não ficaram para sempre ignoradas. A esse imenso e triste repertório não faltam personagens de qualquer nacionalidade — mesmo portugueses. Era preciso fazer a existência que eu fazia então para se poder espreitar algumas dessas vidas sombrias. Um exemplo: Em Portugal ignora-se que houve um português ameaçado de ser passado pelas armas por flagrante espionagem. Era algarvio — e frequentava o mesmo café onde eu mantinha a minha tertulia. Achei-o sempre suspeito e por isso não me surpreendi quando me disseram que a policia de contra-espionagem o prendera e que estava perdido. Creio que Richard Duville fala nêlo no seu célebre livro de espionagem. Ignoro como se salvou. O que sei, sim, é que ao reaparecer na tertulia vinha tuberculoso e pouco mais durou. Foi João Chagas quem o inernou numa Casa de Saude, onde morreu...

— Outro episódio relacionado com gente nossa, igualmente ignorado no nosso país, e de que eu próprio só há muito pouco tempo tive conhecimento completo, foi o do «Hotel Papillon», na Rue du Papillon. Nunca ouviste falar dêle? Pois bem: a vítima desse drama era um pobre e pacato burguês lisboeta, dono de uma tabacaria, se não erro, que, à ultima hora, se encheu de bríos patrióticos e que os pagou com a vida.

## O VELHO DA PENSÃO PIERYS

«Esse português viu-o eu duas ou três vezes. Era um velho muito rijo, algo pretencioso no traçar, sempre de colete branco, polainas brancas, barba bem aparada, gestos solenes, atitudes solenes. Veio a Paris, em plano de turista, e hospedou-se na Pensão Pierys — da Rue du Conservatoire — preferida por todos os portugueses da guerra. Lá estiveram Norton de Matos, Leote do Rego, Bernardino Machado, etc. O nosso velhote foi-me apresentado já não sei por quem. Era um aliadíssimo ardente e um patriota romântico. Uma noite em que estava convidado a jantar naquela pensão não o vi e perguntei por êle. Informaram-me que se tinha mudado para um hotelzinho da Rue du Papillon. Tempos depois o mesmo informador perguntou-me: «Sabes quem morreu? O velhote que estava na «Pierys» — e ao que parece não foi de morte natural. A policia anda a farejar seja o que for.» Nessa mesma tarde, necessitando ir à legação, falei do assunto a João Chagas. Percebi que o contrariava: «A policia tem suspeitas de crime...» — disse-me com secura. E nunca mais ouvi falar dessa simpática personagem.

— Há poucas semanas encontrei-me no «Cardinal», a almoçar, com Henry Dusfoll, que foi quem

## PELO REPORTER X

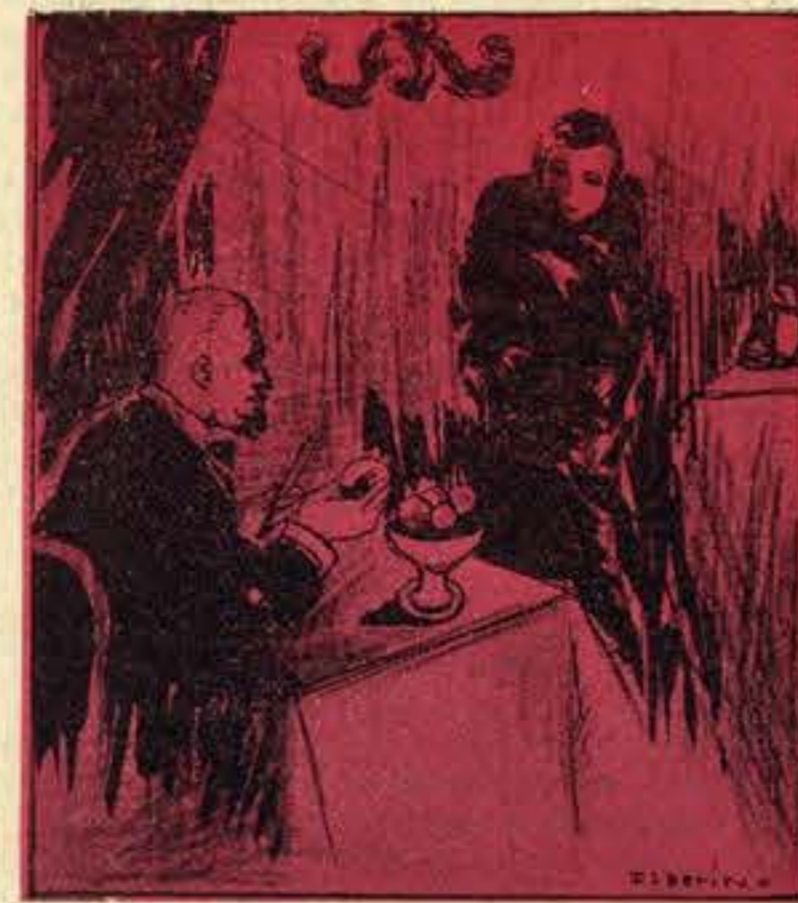
desmascarou o «Garibaldi», traidor de toda a gente e que, durante a guerra, teve a seu cargo uma das mais importantes secções de contra-espionagem. A meio da palestra interroguel-o sobre o último escândalo russo — o desaparecimento de M.<sup>me</sup> Andreoff, nora do celebre romanista que os agentes da G. P. U. raptaram de Paris com o maior descaramento. Este rapto, que apaixonou o mundo, continua a ser um enigma para a policia francesa.

— Naturalmente — comentou Henry Dusfoll — dentro de um ano ou dois os soviets publicam um livro branco, explicando como praticaram essa proeza. Os bolchevistas têm uma espécie de orgulho em revelarem os seus *trucs*. Nos princípios deste ano publicaram uma obra dessas contando com a maior sem cerimonia uma série de proezas cometidas por êles na França, na Inglaterra e na Alemanha. E' uma espécie de vaidade plebeia. E já agora — um detalhe interessante para si. Nesse livro referem-se ao assassínio cometido na pessoa dum cidadão português.

— ?...  
— Sim, meu caro amigo... É que, já durante a guerra êles exerciam uma estreita espionagem em França. Pelos modos, esse português constituia um perigo para os seus planos — e suprimiram-no no Hotel du Papillon. Quando quiser passe pelo meu gabinete que eu mostro-lhe a tradução dactilografada do capítulo em que êles fazem essa confissão...

## A TRAGÉDIA DO QUARTO N.º 1

«Eis, o mais fielmente que a minha memória o permite, o texto traduzido:  
«Em princípios de 1918, o nosso agente D 72 — M.<sup>lle</sup> Z... — estava encarregado pelo comissário Bursoff de estabelecer contacto com um português encarregado de nos trazer determinados documentos. M.<sup>lle</sup> Z, pouco experiente e apesar da sua boa vontade, cometeu uma *gaffe* imperdoável. Possui-



Entaboula conversa com êle no hotel Pierys

dora dum retrato do novo agente — confundiu-o na pessoa dum pacato comerciante lisboeta que estava em Paris, como turista. Entaboula conversa com êle no próprio Hotel Pierys; mas o indivíduo em questão, em vez de desmanchar imediatamente o equívoco, aceitou-o, deixando-se passar pela pessoa que nós esperavamos. M.<sup>lle</sup> Z pediu a entrega dos documentos — mas êle, que não os possuía e que, com ridículos fitos patrióticos, pretendia obter o segredo do *complot*, começou a regatear a sua recompensa para ganhar tempo. Ante esta atitude, M.<sup>lle</sup> Z chamou o comissário — e deu-se o primeiro encontro no Jardim das Tulherias. O comissário, ligeiramente desconfiado, cedeu a todas as exigências — mas exigia os documentos.

— «Não os tenho comigo» — respondeu. — O meu sócio guardou-os em Lisboa e está esperando que eu feche o negócio para mos mandar.»  
«O comissário obrigou-o a telegrafiar para Lisboa — mas é de crer que êle, na má fé em que estava, e não tendo nenhum sócio, aproveitasse o ensejo para fazer uma denuncia telegráfica... Combinou-se uma segunda entrevista para o dia seguinte — mas durante o resto daquele dia êle foi estreitamente seguido. À noite o comissário era informado de que êle se dirigira duas vezes à legação de Portugal, não tendo conseguido encontrar o ministro. As suspeitas agravaram-se. Havia quasi a certeza... No dia seguinte o comissário armou-lhe uma cilada.

— «O senhor já falou com V...? (V... era o nosso agente português, o agente de quem nós esperavamos os documentos e com quem M.<sup>lle</sup> Z confundira aquele pacato burguês).

— «Se falei com V...? — titubeou... — Mas com qual V...?»

— «Então o senhor não conhece o V...?»  
— «Ah! Sim... O V...! Pudera! Já se vê que conheço...»

«O comissário soltou uma gargalhada, e despendendo-se, disse-lhe apenas:

— «Caiu como uma criança, meu caro senhor... V... devia ser o senhor mesmo...»

«O pobre homem compreendeu que estava perdido e que um exagerado patriotismo lhe seria fatal. Naquela mesma tarde saiu da Pensão Pierys e mudou-se para o Hotel du Papillon, na rua do mesmo nome — uma rua pacata e um hotel pacato, onde se julgava garantido contra todos os perigos... Deitou-se cedo... Quando o maior silêncio reinava em todo o hotel, alguém bateu à porta do seu quarto — o quarto n.º 1... Acordou assustado, perguntando quem era:

— «O sr. ministro de Portugal chama-o com toda a urgência ao telefone...»

«Uma onda de esperança devia ter inundado o seu coração. Enfiou um sobretudo e saiu. Mal pisou o corredor foi amordaçado e apunhalado... Pobre homem! Mas era preciso! Sabia de mais... Na manhã seguinte os creados viram uma mão sangrenta como que pintada na brancura envernizada da porta do quarto n.º 1. Entraram e encontraram o cadaver do velho e pacato burguês. A policia não deixou que a imprensa detalhasse muito este assunto, e êle lá ficou enterrado em Paris, no cemitério de Montmartre, na cova n.º 91.777...»

## REMATE...

Escutei tódo este episódio sem que, nem ao de leve, o relacionasse com José Bernardo de Albuquerque. Foi precisa a carta do sr. José Pereira Monteiro para que eu, recordando a tabacaria da antiga Avenida das Côrtes, ligasse os factos e baptizasse a vítima.

Pobre José Bernardo! Morreu vitima dos seus entusiasmos patrióticos! E se era grande e ardente a sua paixão romântica por Paris — contente deve estar o seu espírito por o terem enterrado num coval florido do romântico cemitério de Montmartre.

Reporter X

# OS DESPOJOS DO CRIME

O DESTINO QUE LEVAM OS OBJECTOS QUE PERTENCERAM AOS ASSASSINADOS E ÀS POBRES VÍTIMAS QUE VÃO PARAR AO NECROTÉRIO

## O SONHO ALADO E A REALIDADE ABJECTA ENTRELAÇADOS

Os objectos também sofrem as duras condições dos destinos trágicos. Aquêle machado que uma doce velhinha brandia sobre os troncos de pinheiro; essa inocente peça de ferramenta que a ajudava a preparar a «follette» do fêgo para resistir aos invernos, deixou um dia a humidade dos campos, e e-la que aparece, como um triste condenado, na mesa de um escrivão do crime. E depois? Uma vez manchado de sangue, e acompanhando um assassino ao tribunal, para onde vai êsse horrodo instrumento de morte? Que aplicação voltará a ter êsse utensílio de crime?



E os outros, os outros objectos cuja presença no tribunal evoca o sinistro drama da destruição violenta, que faz rorrar sangue, luto, desespero? Para onde vão êles?

### A BENGALA FATÍDICA

Várias vezes, em Portugal, e muito especialmente em França, entre juizes e altos funcionários da politica, tem sido levantada a questão do caminho a dar aos objectos que serviriam para a prática do roubo ou do assassinio. Conta-se até o seguinte episódio: Um dia um juiz, voltando-se para os seus colegas e alguns advogados e escrivães, mostrou uma bengala, e exclamou: «Sabem quantas vezes eu me recordeo de ter visto sobre a mesa do senhor escrivão, como peça de corpo de delicto, esta bengala? Nada menos de cinco vezes. A segunda vez que e-la me appareceu ainda desconfeita muito que fosse a mesma peça, porque se dava o caso de voltar ao tribunal pelo mesmo motivo. Marqua-a. Hoje não tenho a menor duvida. E' singular o destino dessa bengala. Já cá appareceu cinco vezes, por amacuchar as costelas em zaragatas de conjuges!»

Por onde teria andado esta bengala, para poder desfeito modo apparecer successivamente na mão de cinco maridos furibundos?

Podemos apontar ainda um outro caso não menos curioso.

Dols rufiões andavam há muito de rixa. Com receio um do outro, precaviam-se, cada um escolhendo a arma que mais garantias lhe desse de não errar a mão. Um dia dá-se o encontro sangrento. Um dêtes caiu ferido à navalhada. Um irmão da vitima jura vingar-se. Até aqui não há nada de extraordinário. Quem conhecia êste caso e os seus personagens esperava, a cada momento, nova scena de sangue. O tempo fol passando. Os amigos do novo brigão já diziam, por fim: «Já não faz nada. Nem é capaz de fazer uma arranhadura. O tempo la correndo, o candidato a assassino andava cada vez mais mysterioso. O encontro dá-se. O irmão da vitima finge que não vê o individuo sobre quem jurára vingar-se. Covardia? Não.

E' que êste homem fizera um juramento singular. Tentara assassinar com a mesma arma que matara o irmão, e procurar essa arma, não sendo muito difficil, levava no entanto algum tempo.

Como fol possível a êste homem cumprir a sua promessa? Como é possível seguir no encalço de um objecto que serviu de corpo de delicto?

E' que êste homem conhecia o destino dos despojos dos crimes. Dêste modo, fol-lhe fácil thaver a navalha que prostrou o irmão.

A mesma arma servindo para vários assassínios.

### UM MUSEU DO CRIME

Esta série sangrenta acompanhando o trágico destino de um machado, de uma navalha, de uma bengala e de tantos outros utensilios de agressão e de morte não é fácil encontrar-se em Berlim. Esta capital orgulha-se de possuir um museu do crime. Os agentes da policia de investigação, diante de um vastissimo mostruário das mais extravagantes peças de corpo de delicto, fazem o seu tirocinio, habituando-se a constatar os indícios e as características de roubos e assassinios.

Naturalmente, esta sinistra coleção de utensilios usados pelos mais notaveis malfeteiros do Velho e do Novo Mundo, é interdita ao publico. Ali se vêem coleções de lenços de estrangulados, as variadissimas peças do arsenal de arrombamento, isto é, as pe,as que servem para forçar uma porta de armazem, e o escrivão, de joalheria, a caixa-forte de um Banco.

E' espantoso êsse aglomerado metódico que constituiu o museu criminal de Berlim, com as suas coleções de malas que serviriam para transporte de cadáveres, a galeria de instrumentos cortantes, as maças de ferro, as lanternas dos antigos bandidos de estrada, o arsenal do ladrão de malas de correio, do rato de hotel, do assaltante de combotes e do moedeiro falso.

### UMA COLEÇÃO MACABRA

Em França, alguns juizes, preocupados com o singular destino das peças do corpo de delicto, compram-nas e guardam-nas, havendo assim curiosas coleções particulares, pequenos museus do crime que afinal detêm a sinistra trajectory desses utensilios de morte.

Uma das mais curiosas coleções de despojos do crime era do juiz Chané. O illustre magistrado guardava as melhores peças de corpo de delicto da epocha de Ravachol, orgulhando-se de possuir

bons exemplares de máquinias infernaes, nas suas várias fases. Tinha mostruários de moldes de fechaduras, serrotes, gazias, facas, verdadeiras taridões de genero.

### O CAMBÃO DA MORGUE

E em Portugal?

Para se fazer uma ideia do triste destino dos objectos que foram dos mortos, basta assistir a um leilão na Morgue. Êsse trágico leilão, cá, como em França, realiza-se duas vezes no ano. Os lotes são leitos com o agrupamento de tudo quanto um



cadáver pode legar ao seu herdeiro e comprador desconhecido, desde as calças as lunetas, ou à chave da alcova da amante.

O leilão é feito geralmente num pátio. Os pregoeiros estão as vezes de bata branca. Sobre uma mesa, muito toska, são colocados vários embrulhos com os lotes.

O morto é designado por um numero, correspondente a um registro de entrada ou de saída, guardando-se segredo sobre o nome. Abre-se um embrulho e apparece um casaco. As calças não vêm porque foram despedaçadas numa explosão, ou ficaram rôtas sob a passagem de um automovel. A seguir ao casaco, vê-se um mollo de chaves, um santinho de alumínio, um relógio, uma lapiseira. E' tudo o que resta de uma vida.

— Está arrematado!

Fol vendido tudo por 15 escudos!

O que há de mais horrivel, nâstes leilões, é o espirito de absoluta avareza do cambão da Morgue. Confrange, arrepa, quando depois de se desatar um embrulho onde se patenteia toda a inutilidade do morto, se fazem lances iniciais de 5 tostões, e vai aquillo, assim, arrastando-se aos tostões...

Os homens do cambão são mysteriosos comerciantes de ferro-velho, de adelo, lojas equivocadas, onde se fornecem os vencidos da vida, ou que também estão proximos da morte. São êstes desgraçados, nos algebibes, que compram um par de

(Conclui na pag. 15)



# NOIVAS RICAS DA AMERICA

OUTRO NEGÓCIO QUE NÃO LEMBRA AO DIABO E QUE TEM ENRIQUECIDO ALGUINS

À CUSTA DAS ILUSÕES DE MUITOS DESGRAÇADOS — A HISTÓRIA DE LIMA VÍTIMA

ILIDIO Castro Júnior é um moço quarentão que se atrasou na vida: moço, porque levava ainda uma vida boémia de rapaz novo; quarentão, naturalmente, porque já passara dos quarenta; e atrasado porque, sem pressas, eternamente convencido de que tinha muito tempo para resolver os problemas essenciais da existência, não procurara a sério nem uma profissão nem uma companheira. Optimista até à utopia, convencendo-se da realidade das suas fantasias de mais

com 22 anos, linda como os amôres, bem educada, honesta, cheia de virtudes, orfã de pai e mãe e herdeira de dois mil contos...» Apesar da boa reputação de Ilidio e do ar convencido que ele empregara — houve quem achasse inverosímil aquela pechincha. E Ilidio protestou: «Vocês estão malucos! Sabem lá quantas americanas ricas e novas estão mortinhas por casar com um português? E' que nós, os portugueses, temos grande fama no estrangeiro. Não há homens como os portugueses. E' motivo do orgulho por elas casarem-se com um português.» Os mais viajados riram-se, e Ilidio, já enervado, rematou: «Pois bem, se vocês não acreditam, dentro de vinte dias trago aqui o retrato da minha futura noiva.»

E dezanove dias depois, um antes da data fixada, Ilidio reapareceu na tertulia e ofereceu à contemplação dos amigos o retrato de uma linda jovem yankee, de perfil impecável e doce olhar — com uma dedicatória em inglês desenhada a um canto. «Ao meu futuro marido, sr. Ilidio Castro Júnior, com grande impaciência por conhecê-lo pessoalmente — olí a sua Edith Crower. — Nueva York 6 de Outubro de 1929.» Um pasmo máximo amadurara toda a tertulia. Só um dos amigos do felizadão notou: «Essa senhora é muito linda e será muito rica — mas não sabe escrever no seu próprio idioma. Meu — *my* — é com y e não *mine*, como ela pôs; Nova York em inglês é *New-York* e não *Nueva-York* que é espanhol...»

E Ilidio sentiu-se ofendido como se Miss Edith Crower fosse já Mistress Edith Castro.

## CLUB DE NEW-YORK

Atravessávamos a Praça da Batalha do Porto, quando um *pst!* muito prolongado nos picou os ouvidos. Reviravoltteamonos. Era Ilidio Castro Júnior. O Ilidio — no Porto? Estaria já casado? Hum! Pelo traje — não parecia...

— Ainda bem que te encontro — disse-nos. Cheguei ontem à noite e já hoje te procurei. Venho por causa do casamento...

— O quê? A *miss* milionária vive no Porto?

— Não é isso... Vou abrir-me contigo — mesmo necessito desabarar com alguém que me aconselhe. Confesso que sou um pouco criança — mas como eu há muitos. Sabes que andei com a mania de me casar rico. Uma manhã, abrindo o *Século* ou o *Noticias*, não me lem-

bro bem, dei com um anúncio pouco mais ou menos do seguinte teor: «Club of New-York». A sucursal desse club em Portugal dispõe de uma lista com numerosas meninas e senhoras, viúvas, solteiras e divorciadas, dos 18 aos 40 anos, da mais absoluta honestidade, bem educadas e de fino trato, todas com meios de fortuna e algumas bastante ricas e até milionárias, que desejam contrair matrimónio com cavalheiro digno — embora pobre. Este club, mediante uma modesta comissão, encarrega-se de tudo. Escrever para a Caixa do Correio n.º X



Conto à tertulia os seus projectos de casamento

— Porto — com todas as condições e o retrato. — Julguei que me tinha saído a taluda — e respondi, mandando selo para a resposta. A resposta veio — afirmando mil probabilidades de êxito — mas que enviasse eu 15 escudos para despesas do correio. Mandei 15 escudos — e pouco depois tive nova carta dizendo que tudo estava bem encaminhado e que eram necessários mais 40 escudos para despesas de telegramas. Empenho o relógio e mandei a soma pedida. A seguir alvorçaram-me com a notícia de que eu já fora escolhido por uma das socias do Club — Miss Edith Crower — mas que eram precisos 80 escudos para mandar tirar o retrato e outras despesas. Pedi-os empedados; chegou o retrato com a indicação de que Miss Edith vinha expressamente a Portugal para me conhecer e casar. Fiquei radiante — até que chegou novo pedido de dinheiro. Era indispensável remeter 140 escudos para gratificar o pessoal de New-York que me tinha favorecido. Fiz um enorme esforço, empenhei-me de novo e mandei os 140 escudos, prevenindo que estava no fim de todos os recursos e que agora era preciso que Miss Edith viesse casar. Desde então — nem mais uma linha. Estou farto de escrever cartas —

(Conclui na pag. 14)



A esposa miss Crower

difficil realização — sentiu, um belo dia, com o mesmo exagero com que contava com as protecções do Destino, a tremenda situação que criara. Assustou-se, acovardou-se; temeu o futuro pelo o que o presente já o estava atormentando — e durante uns dias reflectiu sobre o melhor e o mais rápido caminho que devia seguir. Concluiu que podia, com a mesma resolução, liquidar os dois problemas. Casaria com uma esposa rica. E como para êle as realizações estavam sempre escondidas atrás do sonho, agarrou-se a êsse julgando que segurava já a esposa, o oficial do registo civil, o padre que o devia casar... Cinemas, *soirées*, casas de chá, tudo tentou, seguro da imediata vitória, mas de todas as experiências só uma velha gaiteira com alguns parcos rendimentos encontrou; e mesmo esta, quando lhe falou em matrimónio, correu-o, rindo-se dele...

Um dia apareceu à tertulia dos amigos do Café Suíço radiante e seguro de si. — Estou aqui estou a burninar por essas ruas um esplêndido «Rolls-Royce» — afirmava; e depois, com ar de mistério, segredava: «Arranjei uma norte-americana,

VENHAM NOMES!

Quem é o Sátiro de Coruche

Um redactor do "Reporter X" faz uma visita à pitoresca vila ribatejana, colhendo elementos que desmascaram definitivamente o repugnante lavrador José Guisado

ESTE artigo poder-se-ia intitular *O sátiro envergonhado* e servir ao mesmo tempo para demonstrar a veracidade do velho aforismo popular: «quando o cão é danado todos lhe atiram».

De facto, em seguida à publicação do nosso artigo intitulado *O Sátiro de Coruche*, inserto no número 9 do *Reporter X*, choveram na nossa redacção cartas sobre cartas, não só confirmando tudo quanto havíamos escrito, como ampliando pormenores e acrescentando episódios absolutamente inéditos. Mas o interesse pelo sultão de Coruche não se manifestou apenas através da avalanche epistolar que desabou na nossa redacção, foi mais longe: algumas visitas cautelosas, discretas, nos foram feitas. A última surpreendeu-nos pelas revelações bem curiosas que nos fez. Era uma mulher jovem e bonita que nos pediu para não dar publicidade ao seu nome. Depois de uma hora de conversa, plena de interesse e, por vezes de imprevisto, já de pé, depois de agetear as madeixas do cabelo e de espreitar no minúsculo espelho da sua mala os lábios, que mesmo sem *baton* seriam um ninho confortável de beijos de amor, a nossa incógnita informadora disse-nos:

— Não compreendo o motivo porque não publicaram imediatamente o nome desse homem que tanta gente adivinhou sob as iniciais J. G.. Acaso o desconheciam?

Despediu-se, deixando no nosso gabinete de trabalho um agradável rastro de perfume a recordar a sua amável presença.

Sim, ela tinha razão. Porque não publicámos imediatamente o nome daquele homem? Tivemos por êle uma consideração que não merecia. E o que não fizemos da outra vez, fazemo-lo agora, fiéis ao nosso lema, a nossa intrépida divisa: *Venham nomes!* Pois venha a público o nome completo do *Sátiro de Coruche*. E' o sr. José Manuel Guisado da Silva Junior, morador na rua Direita daquela vila ribatejana.

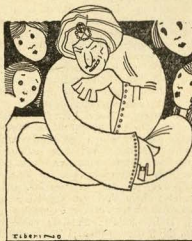
NEM MENOS DE 17 NEM  
MAIS DE 25 ANOS

*Reporter X* não confia em informações anónimas. Podem elas indicar-lhe pistas preciosas, revelar-lhe os casos mais palpitantes, que poderiam aumentar-lhe a glória jornalística, que este se-

manário não as aproveita. O anonimato, se nem sempre representa uma covardia, o que é raro, é no entanto uma atitude antipática. *Reporter X* acusa sempre de frente, e quando se abalança a tomar a decisão de atacar, na defesa da Verdade e da Justiça, procura documentar solidamente os seus artigos.

Guardando e esquecendo talvez as informações anónimas que nos dirigiram, decidimo-nos a visitar a vila de Coruche, procedendo ali a mais aturadas investigações.

O sr. José Manuel da Silva Guisado Junior, de aproximadamente 45 anos, filho de uma excelente família, não tem



O sátiro de Coruche no seu harem

pejo em fazer conviver a sua filha com as odaliscas forçadas do seu harem. E' na terra uma pessoa notável, de grande importância e influência. Essa importância é tão grande, o seu poder tão descrecionário, que—afirmou-nos alguém a quem mostramos vontade de visitar Coruche—«se lá caíssemos de lá não sairíamos decerto».

Mas, felizmente, a profecia não se realizou. Fômos e viemos tranqüilamente, sem que a menor ameaça pairasse sobre a nossa cabeça. Soubemos então que o sr. Guisado, hoje conhecido naquela localidade pelo honorífico título de *Sátiro de Coruche*, é um lavrador rico que vive do rendimento de uns arrozais, actividade agricola esta que não justifica a necessidade periódica de empregadas. Nem um banal escritório possui. Para que

queria êle então as empregadas? A esta pergunta, a que o sr. Guisado dificilmente responderia, mais facilmente contestara todas as pessoas de Coruche a quem a formulámos:

— E' para as transformar em amantes. Atraiendo-as pelo processo do anúncio tentador nas páginas de um grande diário, saem-lhe as mulheres mais baratas... Até hoje já passaram por sua casa mais de trinta empregadas...

Fazendo policia por nossa conta, inquirimos, indagámos pela vizinhança, preguntámos em toda a vila e obtivemos a certeza de que há aproximadamente três anos que o sultão grotesco de Coruche, mês a mês, com um método espartoso, abasteca o seu serralho com dezenas de odaliscas jovens e gentis.

As empregadas do sr. Guisado, titulo que êle lhes dá, ou damas de companhia da filha, como êle diz ás pessoas amigas, entre duas piscadelas de olho significativas, são sempre novas, oscilando a sua idade entre os 17 e 25 anos.

O SÁTIRO ENVERGONHADO

— Porque não se queixam as vítimas ou suas famílias das ciladas daquêlle cavalheiro respeitavel?

Na pitoresca vila, onde a vida do sr. Guisado não constitui segredo para ninguém, obtivemos a explicação do silencio das vítimas. Em regra, o sátiro só quer em sua casa rapanigas sérias e pouco experientes. Quando se apercebem do lôgro em que caíram, calam-se, reccosas do escândalo, algumas occultam mesmo a sua situação infeliz ás próprias famílias, que na maioria dos casos se acobardam, cheias de vergonha. E se alguma mais energia tenta reagir, o patite ameaça-com as suas influencias.

Lealmente, como é norma do *Reporter X*, quisemos entrevistar o próprio sr. Guisado, escutar as suas razões, se as tem, as suas desculpas, se as quisesse dar. Não nos foi possível pôr êste plano em prática, porque José Guisado desapareceu da circulação. Depois da publicação do nosso primeiro artigo, o sátiro escondeu-se, esmagado, vencido. Ninguém mais o viu em Lisboa, no *Estrêla de Ouro*, onde êle levou algumas das suas pêsas, nem no Francfort, onde se hospedava, nem nas casas bancárias onde êle mandava as suas vítimas tirar informações a seu respeito. A Lisboa nunca mais veio. Em



O direito aos «direitos»

(Continuação da pag. 3)

que se lhes exija os mesmos deveres e responsabilidades. Isso dum dama se julgar igual a mim para me ofender, e quando se trate de receber o castigo que tal ofensa, vinda de um homem, merecia — obrigá-me a conter com o velho lugar comum de que numa mulher não se bate nem de uma flôr — é que eu não admito. Se é igual a mim nos direitos, — até no direito de me ultrajar — deve sê-lo também no direito de sofrer as respectivas consequências... Compreendo perfeitamente os direitos dessas mulheres heroicas que trabalham, lutam e agem com a nobreza, com a masculinidade, com a independência de um homem. O que não compreendo nem consigo são as mulheres parasitas, inúteis, que nem sequer mães querem ser, que vivem como bonecas, que se julgam dignas de todas as exigências, cuja única preocupação e trabalho é estudarem-se e prepararem-se de forma a seduzir — para que seduzindo monopolizem os prazeres, os gozos, os paraísos que as outras, as mártires, as heroínas, as dignas de todas as venturas, não possuem... Se essas damas querem ser livres, senhoras do seu destino e dos seus caprichos — que procurem primeiro conquistar esse direito pelo trabalho e pelo sacrifício — e não pela jonglerie dos seus encantos físicos. Mas não apenas parasitas sociais — e têm menos direitos à independência do que qualquer operária que se esfalta oito ou dez horas a mourejar na fábrica e que ainda por cima tem um lar, um marido e uma ranchada de filhos a cuidar...

«Ora tu, um velho, deves dar razão a essa tua amiga! Se combato com estes argumentos a sua vaidade e as suas pretensões sociais — como querias tu que eu lhe agradasse como aqueles colegas meus que passam a vida a entoar hinos e louvores à mandruice e ao egoísmo das mulheres bonitas e elegantes?»

REPORTER X

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

O homem que morreu envenenado

(Continuação da pag. 7)

escândalo. A Associação dos Farmacêuticos movimentou-se e todos esses inimigos juntos acabariam por vencê-la.

Mas, não era ela herdeira dum poderosa fortuna?

SEXTA PARTE

Sim, o dinheiro era um grande aliado. Tinha que servir-se dele. Pensou então em reduzir a cunhada ao silêncio. Procurou-o. Tiveram uma longa conferência que começou pela troca de frases rispadas, aguçadas como espadas que se entrechoassem em um duelo de morte. D. Laura estava disposta a vingar a memória do irmão, do seu querido irmão. Iria para os jais. Nem Octávio Vergílio da Fonseca, nem o pai d'este, Vergílio da Fonseca, com todo o seu dinheiro e a influência das suas poderosas amizades abafariam a verdade. Vingaria a morte do irmão, que fôra um mártir toda a vida, torturado por uma esposa indigna e criminosa.

Joana escutava aquêles insultos que penetravam no seu peito como punhaladas que a atingissem no coração. A indignação daquela mulher vencida, esmagava-a.

Sim, ela mata o marido para lhe roubar a fortuna. Praticara um assassinio e um roubo. E não roubara unicamente o pobre engenheiro, roubará-a a ela, a irmã pobre, viuva e honrada, que vivia dificultosamente da escassa pensão que lhe deixara o marido.

O espectro do dinheiro, a vilíssima matéria que endurece os corações e impele a humanidade para os mais hediondos crimes, surgia entre as duas mulheres.

— A verdadeira herdeira de meu irmão não é você, que o matou para o roubar! — exclamou D. Laura, transfigurada, os olhos fazillando d'ido e cubão, como se tivessem na cabeça presenciado um grande montão de ouro fascinante. — A fortuna de meu irmão pertence-me de direito! Não se pode admitir que eu, honrada toda a vida, sofrendo uma existência de privações, ceda em seu favor, que é uma criminosa, o que realmente é meu!

Joana nunca vira aquela mulher assim. Compreendia que naquele momento falava mais alto a cubaja da fortuna do que a amizade fraterna. Laura não queria vingar a memória do irmão, queria apossar-se dos despojos. Quem sabe se ela por dinheiro não seria capaz de calar, de cumplicidade, o crime? Quem sabe se ela não seria mesmo audaciosa até ao ponto de matar o próprio irmão? Estes pensamentos banharam de esperançosa luz o cérebro de Joana. Sorriu ante a indignação da cunhada. Aquêlle sorriso poderia traduzir-se por esta frase: «E's tão boa como eu...»

— Vou revelar tudo à imprensa, tudo! — ameaçava Laura, cujos lábios páldos e trémulos se humedeciam de espuma. — Entregarei as autoridades as cartas em que meu irmão a acusa de adultério e me avisa de que a senhora o pretendia assassinar. Levá-la-ei à cadeia e ao grêdrio.

Joana, readquirindo a serenidade, sorria, um sorriso cinico. E quando a cunhada se deteve um momento para retomar o fôlego, perguntou-lhe fleugmaticamente, em um tom tranqüillo de conversa amena:

— Por quanto venderia a senhora essas cartas?

— Não lhe admito esse insulto! — gritou-lhe Laura, mal refeita da surpresa.

E a outra tornou, mais calma, mais afável:

— Vinte, trinta, quarenta contos?...

Fez-se um grande silêncio entre elas.

De súbito Laura occultou o rosto nas mãos, e todo o corpo se lhe agitou em um choo convulso.

Sempre sorrindo, Joana abeirou-se dela:

— Não se aflija. Sou sua amiga — murmurou, afagando-lhe a cabeça. — Estou disposta a evitar-lhe mais privações.

Após uma curta pausa, segredou-lhe, quasi meiga:

— Dê-me as cartas... pagar-lhe-ei generosamente.

Laura ergueu para a cunhada os olhos lacrimosos, e calou-lhe nos braços, apertando-a contra o peito, comovida, vencida.

Sim, cederia as cartas.

Quando no dia seguinte um reporter se apresentou em sua casa para lêr a correspondência de Pinheiro Pires, Laura recebeu-o de má catadura e despediu-o com uma frase rispida:

— Não estou disposta a fazer declarações aos jornais... Não quero envolver-me mais nêsse caso complicado... Desejo o meu sossego...

E entretanto Joana vai gozando impunemente, nos braços de Octávio Vergílio da Fonseca, uma estranha lua de mel, uma vez por outra interrompida pela aparição importuna do espectro do engenheiro.

OS ESPECTADORES

Illuminada a sala, a maioria dos espectadores dispôs-se a sair, sem esperar pela inevitável flita cómica que sucede aos grandes dramas. Havia lágrimas nos olhos de algumas senhoras. Trocavam-se comentários.

E uma rapariga linda, novita, dezasseis anos em flôr, agarrando nervosamente o braço de uma senhora, sua mãe, pelo que depreendemos, perguntava, os negros olhos ansiosos espelhando o grande problema que se debatia na sua alma pura:

— Mamã, e aquela gente ficará impune?

REPORTER MARIO

NOIVAS RICAS DA AMERICA

(Continuação da pag. 11)

não para a Caixa Postal, mas para a sede da sucursal do club — Rua de Santa Catarina n.º Z — visto que logo na primeira carta ou segunda o papel era timbrado e continha o enderêço. Sei que elas foram recebidas — porque as expedi com aviso de recepção. Nada! Silêncio absoluto. Desesperado — resolvi vir em 3.ª classe ao Porto. Vou agora à sucursal vêr o que há...

Fômos. Subimos. Batemos à porta. Ninguém nos respondeu. Dez minutos depois de matraquearmos — apareceu a porteira.

— Não está ninguém! — informou-nos.

— E' raro aparecer alguém.

— Mas quem vive aqui?

— Viver? Isso sim. Nem móveis tem.

Nem sei para que alugaram a casa. Todos os dias o correio despeja uma mala de correspondência, que eu guardo e entrego.

— E entrega a quem?

— Umaz vezes é a um rapazinho, outras vem o patrão — um velhote, espanhol, que fala muito a custo e que anda sempre de automovel.

Idílio destituiu de continuar o interrogatório. Estava livido. O seu sonho desfizera-se em pó. Apenas teve força para me dizer: «Sempre há negócios que nem lembram ao Diabo!»

# O DESFALQUE EM POMBAL

Quem é o Sátiro de Coruche

(Continuação da pag. 13)

"Reporter X" revelou há dois meses o que a grande imprensa diária agora apresenta como inédito sobre o roubo de 5000 contos na Repartição de Finanças

Há mais de dois meses que o *Reporter X* publicou uma reportagem sensacional sobre o celebre desfalque praticado pelo tesoureiro José Rito dos Santos na Repartição de Finanças de Pombal.

Não se convenceu o nosso enviado especial que desfalque tão grande (quasi

ção tódas as suspeitas que havíamos lançado ao sr. J. J. F., isto é, *Reporter X* havia triunfado plenamente, há dois meses, lançando luz sobre um dos pontos mais obscuros e importantes desse grande roubo.

Se nós não tivéssemos a noção exacta

vale o sr. José Guisado, mas tódos se calam e fingem ignorar os factos, afectando por éle uma simpatia que não sentem. Temem-no porque éle é poderoso e influente.

Mas não o teme o *Reporter X*.

Por sua vez, outra vítima, D. Georgina Ramos, confirmou o que já é público e notório, exclamando com revolta e amargura:

— Esse patife da pior espécie tem desgraçado muita gente!

RECTIFICAÇÕES INDISPENSÁVEIS...

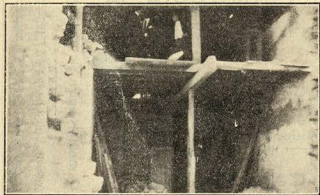
Para ficarmos bem com a nossa consciência, vamos fazer algumas rectificações ao nosso artigo anterior, que muito agradarão ao importante sátiro de Coruche...

O ordenado das empregadas, apesar dos serviços *extraordinários* que delas exigia, nunca foi além de 120 escudos mensais, comida e tratamento familiar — tão familiar que as tratava como esposas...

Também no artigo anterior escrevemos que o nosso herói era bom comerciante. Engánamo-nos. Há na sua vida um negócio complicado de letras e a história de uma herança que poderíamos servir de enredo para um romance...

Feitas estas rectificações, recomendamos às raparigas sérias muito cuidado com certos anúncios fascinantes que não passam de armadilhas à sua honestidade.

COSTA JUNIOR



▲  
As ruínas da casa do Marquês de Pombal que o nosso enviado especial visitou quando aquela vila foi fazer a reportagem que o *Reporter X* publicou há dois meses, causando grande sensação  
▼

cinco mil contos) pudesse ser levado a cabo, sem o auxílio de alguém. José Rito deveria ter, pelo menos, um cúmplice e esse cúmplice devia ser pessoa que ocupasse um lugar de destaque dentro da Repartição onde o delicto lóra praticado. As aturadas investigações a que procedeu, o inquérito minucioso que fez naquela vila, em breve confirmaram as suas suspeitas. Estas, segundo a voz do povo, recaíam sobre um sargento reformado, cujo nome designámos, por correcção e escripto jornalístico, apenas pelas iniciais J. J. F.. Conforme escrevemos nessa ocasião, J. J. F., tesoureiro proposto nessa Repartição, ganhando um modesto ordenado, conseguia milagrosamente comprar um automóvel ao filho, ter amantes e predios. A não ser o milagre da multiplicação dos pães, nada havia mais espantoso do que o milagre de J. J. F., multiplicando a capacidade de compra do seu ordenado, que não vai além de 1.100\$00.

Decorrido um mês sobre essa reportagem, escrevia-nos o sr. José Joaquim Ferreira, sargento reformado, tesoureiro proposto da aludida Repartição e amigo de José Rito, desmentindo as referências que tínhamos feito a J. J. F.. Essa carta, que requeira habilidade e astúcia, está em nosso poder.

Agora, dois meses depois das nossas revelações, é que na grande imprensa diária aparecem transformadas em acusa-

dos limites morais que separam a missão jornalística da missão policial, com um pouco de boa vontade teríamos até conversado com o próprio José Rito ou, pelo menos, rondado a sua porta. Mas não levámos mais longe a nossa bem natural curiosidade jornalística, temendo transformar a nossa profissão, essencialmente nobre e elevada, na de um denunciante vulgar.

## O número do Natal do REPORTER X

Como já tivemos ensejo de anunciar, *Reporter X* publicará pelo Natal um número extraordinário de trinta e duas paginas profusamente ilustradas e coloridas.

Esse número do *Reporter X*, que sendo um modesto jornal causará inveja a muitas revistas, inserirá colaboração escolhida, sem perder a intensidade emotiva que os nossos leitores tanto apreciam. Deve ser avidamente disputado, motivo por que aceitamos desde já pedidos dos nossos agentes para esse número especial, pedidos que devem ser feitos quanto antes a fim de evitar que, apesar do aumento da tiragem, muitos fiquem por atender devido a terem chegado tarde.

Desse número do Natal do *Reporter X* far-se-á uma única edição de um limitado número de exemplares.

## OS DESPOJOS DO CRIME

(Continuação da pag. 10)

botas que foi de um afogado, o sobretudo do homem que caiu de doença misteriosa na via pública, ou as calças do pobre-diabo que se pendurou numa árvore. As vezes, quantas, também acontece que o mesmo objecto é vendido mais do que uma vez. As calças de um morto foram compradas por um vagabundo... Por sua vez, este, sem família, sem casa, não chega a gastar aquela peça de roupa, que já esteve sobre o lagedo da Morgue. O desgraçado caiu ou atirou-se ao rio, e aqui vão de novo as calças, que serviriam os dois mortos, despertar cubicas, discussões, do sinistro câmbio...

E' a existência deste câmbio que dá curso e faz lançar outra vez no mercado os despojos do crime. São estes leilões que explicam a singular coincidência da bengala fátida ou a certeza de um candidato a assassino poder escolher uma arma de reputação criminal já feita.

As peças do arsenal de arrombamento onde compram-se as sentas os negociantes especializados na aquisição dos despojos do crime?

Desto modo, os objectos, como os individuos, uma vez entrados no crime, nunca mais saem dele. Conhecidos, fazendo parte do mercado do roubo ou da morte, são por assim dizer contratados, e nunca mais deixam esse mundo tenebroso do *bas-fond* do crime, onde passam deixando um rasto de sangue, mas dando o rido a negócios maciços, como se não fosse caso o dinheiro fosse um instrumento diabólico.

# Ourivesaria Aliança CAFÉ MONUMENTAL

Rua das Flores — PORTO



As suas novas instalações valem uma visita

Joias e pratas artísticas

PORTO

O melhor Café da Península  
 Todo o confôrto moderno

Bar — Café — Bilhares

Concêrtos por distintos músicos  
 nas Soirées e Matinéés

Avenida dos Aliados

**NÓS**  
**HAC-HAC**

Publicidade, propagandas, or-  
 ganização e tradução de  
 catálogos, cartazes,  
 desenhos artísti-  
 cos e comer-  
 :: ciais ::

HOTEL CONTINENTAL  
 R. de Entreparedes—PORTO

**MERCEARIA CAMÕES**

RUA DO LOUREIRO, 84  
 Porto

Especialidade em gé-  
 neros de mercearia Barateza de preços e  
 excelência de qualidade

Comprem sempre  
 na

**Mercearia Camões**

COMPRAI SO



O melhor entre os melhores

284—R. MOUSINHO DA SILVEIRA—286

PORTO

## Casa Liège

Rua de Cedofeita, 249--PORTO

FABRICA DE CONFEITARIA

A melhor e mais higiénica  
 do norte do país

FABRICO DE TODA A CLASSE DE DOÇARIA

Preços especiais para revenda

Procure-nos sem demora  
 para realizar dinheiro!!!



VENDA  
 DE  
 PRÉDIOS  
 E  
 EMPRÊTI-  
 MOS  
 SOBRE  
 HIPOTÉCAS

**BARROS**

O decano  
 dos  
 agentes

Rua Mousinho da Silveira, 163, 1.º

Telefone 489

PORTO

A sair brevemente:

**NOVELA POLICIAL**

Capa a cores—Preço 1 Esc.

DIRECÇÃO:

REINALDO FERREIRA (Reporter X)

